

Thies, Cameron G. & Nieman, Mark David. *Rising Powers & Foreign Policy Revisionism: Understanding BRICS identity and Behavior Through Time*. University of Michigan Press. Ann Harbor, 2017, 206 p. ISBN: 8780472130566

FERNANDA DE CASTRO BRANDÃO MARTINS¹

Resumo A presente resenha visa apresentar o livro de Cameron Thies e Mark Newman cuja singularidade em tratar o processo de formação da política externa dos países emergentes a partir de uma perspectiva construtivista torna o livro uma leitura importante para pesquisadores de tais países, sobretudo os BRICS. Apresenta-se o livro e descreve como acontece o processo de pesquisa é apresentado e suas principais conclusões.

Palavras-chave: Poderes Emergente; Teoria dos Papeis; Política Externa.

Abstract: This review aims to present Cameron Thies and Mark Newman's book which is singular in the sense that it treats the process of emerging countries' foreign policy formation from a constructivist perspective. This makes the book an important read for researches of emerging countries, especially the BRICS. The review presents the book and describes how the research process is presented and its main conclusions.

Keywords: Emerging Powers; Role Theory; Foreign Policy.

Recebido em:
28 de Novembro de 2018

Received on:
November 28, 2018

Aceito em:
3 de Dezembro de 2018

Accepted on:
December 3, 2018

DOI: 10.12957/rmi.2018.38526

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGRI-UERJ). **Endereço para correspondência:** PPGRI - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais - Rua São Francisco Xavier, 524, Pavilhão - João Lyra Filho, 9º andar, Bloco F, sala 9037, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ, Brasil - CEP: 20550-013. **Email:** fecbrandao@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-8343-4020>

Cameron Thies e Mark Newman buscam propor uma nova forma de entender o comportamento das potências emergentes, em que outros fatores além do aumento das capacidades materiais desses países sejam capazes de explicar mudanças na identidade e comportamento desses estados. O objetivo principal do livro é refutar a assunção realista de que um aumento nas capacidades de poder de um país emergente automaticamente resultará em uma política externa mais agressiva e revisionista. Um dos propósitos do livro é preencher uma lacuna na literatura sobre a formação da política externa de países emergentes, já que boa parte dos estudos existentes são focados na formação da política externa das grandes potências.

Os três capítulos iniciais apresentam a pesquisa e sua justificativa, as teorias que embasam o estudo, a Teoria dos Papeis (*role theory*), e a metodologia empregada. São apresentadas, também, as duas hipóteses a serem testadas. A primeira hipótese é de que identidade e comportamento mudam como função apenas da variação das capacidades de poder materiais de um estado, havendo momentos de ruptura em fases de ascensão levando ao aumento de conflitos econômicos e militares. A

segunda hipótese é a de que identidade e comportamento variam de forma gradual como resposta a uma série de fatores domésticos (processos políticos) e internacionais (pressão socializadora das grandes potências) e não apenas em relação a mudanças nas capacidades de poder. As hipóteses são chamadas respectivamente de hipótese do poder material e hipótese da política externa. Busca-se determinar qual dessas hipóteses é confirmada ao olhar-se para cada um dos BRICS e o desenvolvimento de suas políticas externas diante do aumento das suas capacidades de poder nas últimas décadas. Os autores se utilizam de aspectos materiais e sociais em sua análise tanto em termos teóricos quanto empíricos a partir de uma perspectiva construtivista.

Para realizar o teste das hipóteses, ou autores fizeram estudos de caso individuais dos países BRICS utilizando uma combinação de métodos quantitativos e qualitativos em cada caso. Os autores olham para a evolução histórica da política externa de cada um dos países a fim de identificar os papéis assumidos e o histórico de conflitos econômicos e militares com o intuito de estabelecer um padrão que confirme uma das duas hipóteses. Para a análise

qualitativa, estabelecem o *national role conceptions* (NRC) dos BRICS através da revisão da literatura acadêmica sobre a política externa desses países. Os padrões de NRCs permitem ver os papéis e identidades autodesignados de cada país ao longo do tempo, sendo divididos em estruturas de papéis por décadas a fim de possibilitar a observação de mudança ao longo do tempo e momentos de ruptura. Já na análise quantitativa os autores utilizam-se do ponto de mudança Bayesiano a fim de identificar momentos de ruptura estrutural caracterizados por momentos de conflito militarizado ou econômico, observando se tais momentos são função das mudanças nas variáveis-chave independentes: proporção de democracias no entorno regional, integração no comércio internacional e *power ratio* – poder relativo do estado em relação aos demais países da mesma região baseado no índice composto de capacidades nacionais (CINC, do inglês). As análises quantitativas e qualitativas para cada caso possuem relevância individual., porém, considera-se que a sobreposição entre os resultados da análise quantitativa com a qualitativa aumenta a confiabilidade na confirmação ou refutação de uma ou outra hipótese.

Os cinco capítulos subsequentes são dedicados ao estudo individual dos países BRICS, na ordem do acrônimo,

aplicando-se tanto os dois tipos de métodos para o teste das hipóteses. Parte-se do pressuposto que todos os BRICS passaram por um momento de acelerado crescimento econômico que alterou suas capacidades de poder conferindo-lhes o status de países emergentes. Apesar das diferentes trajetórias do desenvolvimento e evolução das identidades e papéis dos países BRICS e seus diferentes históricos em termos de conflitos militarizados e econômicos, em todos os casos a hipótese prevaiente é que a formação da política externa e da identidade estatal é mais uma função de desenvolvimentos e mudanças na política doméstica e internacional do que mudanças nas capacidades de poder estatal.

No caso do Brasil, os autores não encontram nenhum rompimento no comportamento internacional do país que seja justificado pelo aumento de capacidades materiais de poder, havendo continuidade na identidade e nos papéis exercidos, principalmente em termos de liderança regional. No estudo da Rússia, a análise qualitativa aponta para uma constante busca da identidade russa em sua política externa que é estabilizada e evolui progressivamente a partir dos anos 1980, enquanto a análise quantitativa dos conflitos econômicos e militares revela que os momentos de

ruptura são melhor explicados por mudanças na política doméstica do que pelo acúmulo de capacidades de poder material. O estudo do caso indiano revela uma mudança suave, sem momentos de ruptura em termos de conflito militarizado e econômico, no conjunto de papéis exercidos pela Índia a partir de 1971, afastando-se de papéis associados ao movimento não alinhado e busca da paz global para papéis associados à identidade como potência militar e regional. O caso da China mostra uma contínua redução do caráter radical e conflitivo do comportamento chinês no sistema caminhando rumo a uma identidade com papéis que apoiam o sistema internacional, tornando-se menos revisionista e mais pacífica, sem que haja identificação de momentos de ruptura para conflitos militarizados e econômicos. A análise do caso sul-africano identificou dois momentos de ruptura na identidade do país, um

momento de ruptura em relação a conflitos militarizados e dois momentos de ruptura em relação a conflitos econômicos, sendo todos explicados por variáveis diferentes ao aumento das capacidades materiais, no caso, em momentos de bruscas mudanças domésticas.

Uma importante discussão que permeia o livro é a tentativa de identificar se os países BRICS devem ser considerados ou não uma ameaça à ordem internacionais, mais precisamente à ordem econômica liberal internacional liderada pela hegemonia estadunidense, como preveem as teorias realistas. Na conclusão do livro, os autores argumentam que os BRICS não representam uma ameaça e que é preciso continuar engajando esses países em iniciativas de socialização internacional a fim de atenuar a possibilidade de surgimento de comportamentos revisionistas mais agressivos.
